

AS RELAÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS ESTABELECIDAS PELOS CONECTORES “E” E “AÍ” EM GÊNEROS TEXTUAIS NARRATIVOS PRODUZIDOS POR ADOLESCENTES E PRÉ-ADOLESCENTES NATALENSES EM ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Autor: Fernando Laerty Ferreira da Silva*; Coautora: Ana Clarissa Viana Duarte; Orientadora:
Maria Alice Tavares

*(Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: f.laerty@hotmail.com)

Resumo: À luz da vertente teórica sociofuncionalista (integração dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano), analisamos os conectores sequenciadores E e AÍ como variantes na indicação da função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI). O *corpus*, retirado do Banco de Dados FALA-Natal, é formado por oito entrevistas sociolinguísticas feitas com pré-adolescentes e adolescentes natalenses. Delas, retiramos trechos de narrativas habituais e narrativas de experiência pessoal que apresentassem os conectores E e AÍ. Os dados assim obtidos foram codificados quanto às relações semântico-pragmáticas de sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência/conclusão. Os resultados alcançados permitiu (i) verificar quais são as relações semântico-pragmáticas indicadas pelos conectores sequenciadores E e AÍ em narrativas de experiência pessoal e em narrativas habituais produzidas oralmente por pré-adolescentes e adolescentes natalenses; (ii) averiguar se há diferenças na distribuição dos conectores sequenciadores E e AÍ quanto às relações semântico-pragmáticas por eles indicadas em narrativas de experiência pessoal orais e em narrativas habituais produzidas oralmente nos dois grupos etários; (iii) relacionar diferenças porventura existentes entre os conectores sequenciadores E e AÍ no que tange às relações semântico-pragmáticas com possibilidades de especialização funcional atuais e/ou futuras; e, (iv) discutir o papel que os adolescentes e os pré-adolescentes podem estar desempenhando no fenômeno de variação – e, quiçá, de mudança por gramaticalização – envolvendo os conectores sequenciadores E e AÍ na comunidade de fala natalense. Com base em análises quantitativas, notamos que há predileção pelo uso do conector AÍ na narrativa de experiência pessoal em entrevistas com adolescentes e, principalmente, com pré-adolescentes. Sobre a narrativa habitual, verificamos que esse gênero textual condicionou a diminuição da forma estigmatizada AÍ e apresentou alta taxa de ocorrência do conector E nas entrevistas com adolescentes. Ademais, percebemos que, na narrativa de experiência pessoal, houve indícios de especialização por generalização; na narrativa habitual, houve indícios de especialização por especificação; e, em ambas; foram identificados casos de relações semântico-pragmáticas que apresentaram frequências similares.

Palavras-chave: conectores, relações semântico-pragmáticas, gramaticalização, especialização, sociofuncionalismo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa a função gramatical de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI) expressa através dos conectores E e AÍ em narrativas habituais (NH) e em narrativas de experiência pessoal (NEP) produzidas oralmente por pré-adolescentes e adolescentes da cidade do Natal. Ocorre SRPI quando há relação de continuidade e consonância entre dois segmentos do discurso (cf. TAVARES, 2012; MEDONÇA; TAVARES, 2008). Nesse processo, o primeiro segmento servirá como alicerce para o que será dito posteriormente, criando “movimentos simultâneos de retroagir” e de “propulsionar”.

Na fala dos pré-adolescentes e adolescentes natalenses, encontramos, amiudadamente, os conectores sequenciadores E e AÍ, que integram o conjunto das formas responsáveis por codificar a SPRI no português brasileiro. A SRPI abrange várias relações semântico-pragmáticas, sendo a sequenciação textual, a sequenciação temporal e a consequência/conclusão as relações analisadas nesse relatório. Logo abaixo, segue trecho recortado das entrevistas que compõem o nosso *corpus*.

(1) Antigamente, ela [tia] morava aqui em Natal, bem perto da gente, e a gente passava mais lá, porque ela morava do lado da escola que minha mãe trabalhava... que ela também trabalhava lá. (...) AÍ ela morava do lado da escola e a gente sempre dormia lá, quando estudava na escola também. (Narrativa habitual, BDFL; 04JV; Masc.)

O *corpus* desta pesquisa foi retirado do Banco de Dados FALA-Natal (BDFN). A finalidade do BDFN é descrever o dialeto da cidade do Natal, logo, as entrevistas sociolinguísticas estão disponíveis àqueles que buscam analisar algum fenômeno linguístico nessa comunidade de fala. Desse banco de dados, foram retirados trechos de narrativas habituais e de narrativas de experiência pessoal que contivessem dados dos conectores sequenciadores E e AÍ.

O estudo desenvolvido toma como aporte teórico uma vertente teórica que pode ser denominada sociofuncionalismo por ser constituída na interface entre duas teorias, o funcionalismo norte-americano e a sociolinguística variacionista. Para o funcionalismo, a língua não é estática, mas sim variável e probabilística. Para esse campo teórico, a gramática está sempre sujeita à mudança e motivada pela situação comunicativa, por isso, atualmente, é conhecido como linguística baseada no uso. Ao considerar a gramática dinâmica, o funcionalismo deixa evidente a condição de perenidade das línguas. Isso revela que a mudança linguística é um fenômeno regular. (cf. TAVARES; GÖRSKI, 2013)

Quando criamos enunciados, apropriamo-nos de itens lexicais e/ou gramaticais para criar as estratégias de comunicação. Apesar de participarmos da mesma comunidade de fala e possuímos traços linguísticos em comum, utilizamos a língua de diferentes formas, imprimindo nosso estilo em nossos discursos; por isso, numa interação, o falante e o ouvinte “têm de se esforçar para se fazer entender e para tentar entender, negociando e adaptando formas linguísticas para diferentes funções” (TAVARES, 2013, p. 32). Nessa relação, dependendo da frequência de uso, novas estratégias podem se rotinizar e passar a serem usadas em contextos de interação mais específicos com construções cada vez mais gramaticais. Dá-se a essa rotinização o nome gramaticalização – processo de mudança pelo qual um item lexical ganha função gramatical ou um item já gramatical angaria outras funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993)

A Sociolinguística Variacionista se concentra na investigação de formas linguísticas que expressam um mesmo significado e/ou função. Essa vertente teórica enxerga a variação linguística como manifestação natural e regular da língua, logo, pode ser sistematizada quantitativamente e explicada, permitindo diagnosticar os fatores condicionadores na escolha do falante por uma forma em um contexto no qual outras formas também atuam no desempenho da mesma função. Esses condicionadores podem ter natureza linguística, social ou estilística, extrapolando, portanto, o contexto linguístico e adentrando no extralinguístico.

Fica possível, portanto, partindo dessa interface, reconhecer e entender os tipos de especializações envolvidos no processo de gramaticalização dos conectores sequenciadores E e AÍ e as suas motivações de uso. Há dois tipos de especialização: i) especialização por generalização: processo em que uma das formas sofre generalização de significado, absolvendo as funções de outras formas coocorrentes; ii) especialização por especificação: cada forma se especifica em uma função específica, passando a atuar em contextos diferentes. Quanto maior for a relação entre uma função e uma forma, maior será a especialização desta e menor será o uso de outras formas codificadoras no mesmo contexto situacional. (HOPPER, 1991)

Acreditamos que nossa análise revelará em que fase o processo de gramaticalização dos conectores sequenciadores E e AÍ se encontra na fala de adolescentes e pré-adolescentes natalenses, bem como permitirá que identifiquemos o tipo de especialização preponderante nas narrativas habituais e nas narrativas de experiência pessoal produzidas por eles.

Selecionamos, para análise, esses dois grupos etários porque acreditamos que são eles os maiores propagadores da forma inovadora AÍ, difundindo o processo de especialização em sua comunidade de fala, e buscamos confirmar se: a) o uso do conector inovador AÍ aumenta à

proporção que a idade do informante diminui; b) o uso do conector AÍ é maior em narrativas de experiência pessoal, quando contrastadas às narrativas habituais, uma vez que, naquelas, o informante tende a se envolver mais intensamente no evento narrado; c) o uso do conector AÍ decai nas narrativas habituais, quando comparadas às narrativas de experiência pessoal, porque, naquelas, costuma haver menor envolvimento do informante, o que pode fazer com que traços de sua fala vernacular emergjam com menor frequência.

OBJETIVOS

i) Analisar os conectores sequenciadores E e AÍ como variantes na indicação de sequenciação retroativo-propulsora de informações (SRPI) em narrativas de experiência pessoal e em narrativas habituais produzidas oralmente, em situação de entrevista sociolinguística, por pré-adolescentes e por adolescentes natalenses; ii) verificar quais são as relações semântico-pragmáticas indicadas pelos conectores sequenciadores E e AÍ em narrativas de experiência pessoal e em narrativas habituais produzidas oralmente por pré-adolescentes natalenses; iii) averiguar se há diferenças na distribuição dos conectores sequenciadores E e AÍ quanto às relações semântico-pragmáticas por eles indicadas em narrativas de experiência pessoal orais e em narrativas habituais produzidas oralmente por pré-adolescentes natalenses; iv) relacionar diferenças porventura existentes entre os conectores sequenciadores E e AÍ no que tange às relações semântico-pragmáticas com possibilidades de especialização funcional atuais e/ou futuras; e v) discutir o papel que os adolescentes e os pré-adolescentes podem estar desempenhando no fenômeno de variação – e, quiçá, de mudança por gramaticalização – envolvendo os conectores sequenciadores E e AÍ na comunidade de fala natalense.

METODOLOGIA

O *corpus* da pesquisa é constituído de oito entrevistas sociolinguísticas com duração de, aproximadamente, 60 minutos cada. Essas entrevistas foram feitas com 8 informantes natalenses (4 informantes masculinos e 4 informantes femininos), sendo 4 pré-adolescentes de idades entre 8 a 12 anos, e 4 adolescentes de idades entre 15 a 24 anos.

É de interesse da entrevista sociolinguística recolher amostra da fala mais informal (o vernáculo) do informante. Para garantir a língua vernacular, o entrevistador tenta mitigar a sua presença, estimulando o informante a discorrer sobre assuntos corriqueiros e que lhe aprezem. Outra estratégia utilizada para diminuir o monitoramento da fala é pedir para que ele fale sobre

assuntos que lhe causaram sentimentos intensos, o que poderia auxiliar a quebrar a tensão causada pela presença do entrevistador e do gravador.

Fatores de ordem social como etnia, gênero, idade, nível de escolaridade e classe social possibilitam o cruzamento dos aspectos sociais com os linguísticos, a fim de descobrir quais as motivações da mudança ou variação. Neste estudo, consideramos possíveis influências do fator de ordem social idade sobre os usos dos conectores E e AÍ por pré-adolescentes e adolescentes da cidade do Natal.

Não obstante os informantes poderem escolher os temas sobre os quais gostariam de falar, o entrevistador direciona-os a desenvolver vários gêneros: relatos de opinião, narrativas de experiência pessoal, receitas culinárias, narrativas habituais, entre outros. Desta forma, é correto afirmar que as entrevistas sociolinguísticas são macrogêneros (cf. TAVARES, 2012, 2014): a fala dos informantes não se configura como, apenas, um gênero textual específico, e sim como um somatório de gêneros concatenados no fluir da entrevista, gêneros esses que podem manifestar estilos distintos. Isso implica dizer que, hipoteticamente, em um relato de opinião, a linguagem será mais monitorada, uma vez que se pede uma posição diante de um tema polêmico; caso oposto ocorre na receita culinária. Nesse gênero, o informante não terá a mesma preocupação em monitorar sua fala, por se tratar de algo que ele domina e que não oferece risco de haver opiniões divergentes da sua.

As entrevistas sociolinguísticas dos oito informantes não foram transcritas na sua totalidade, apenas as partes que continham os conectores sequenciadores E e AÍ e que se configuram como narrativas habituais ou narrativas de experiência pessoal, gêneros focados em nossa pesquisa. Comparando os dois gêneros, poderemos confirmar a hipótese de que, em um deles, o informante se envolve mais e deixa emergir seu vernáculo, e, no outro, por não haver grande envolvimento emocional, a fala não é tão informal.

Na busca pela fala mais informal, as entrevistas sociolinguísticas sempre tentam criar condições para que o informante fale sobre suas experiências particulares, produzindo, especialmente, narrativas de experiência pessoal. Esse gênero textual permite a eclosão de lembranças ricas, singulares e intensas sobre o passado do indivíduo, trazendo à tona sua língua vernacular (cf. TAGLIAMONTE, 2006). Sobre a importância das narrativas de experiência pessoal, Labov afirma que:

Na maioria dos estudos sociolinguísticos da comunidade de fala, as narrativas de experiência pessoal desempenham um papel proeminente. Na entrevista sociolinguística, as narrativas são um dos meios primários de redução dos efeitos da observação e da gravação.

Quando se dissecam as mudanças de estilo na entrevista, as narrativas mostram consistentemente uma mudança na direção do vernáculo – isto é, na direção do estilo de fala que é aprendido primeiro e que é usado na comunicação diária com amigos e família. (LABOV, 2004, p. 31)

Para ilustrar esse gênero textual, segue exemplo:

(2) Me chamou de formiga atômica, pra quê?! (...) **Aí** chamou a gente de formiga atômica [a entrevistada e a amiga], anã de jardim, enfeite de árvore de natal. Pra quê?! (...) Eu corri a escola inteira para bater no menino, que falou isso, com minha bolsa (BDFN; 05JV; Fem.).

Relatos dos acontecimentos corriqueiros vividos pelo informante marcam o gênero narrativa habitual. Diferente da narrativa de experiência pessoal, esse tipo de produção textual é construído com o uso frequente dos verbos no pretérito imperfeito e traz acontecimentos que foram recorrentes em um determinado período da vida do informante (CARRANZA, 1998; TAVARES, 2012).

Para esclarecer, segue exemplo:

(3) A gente sempre ia, quando meu pai ainda era casado com minha mãe. **Aí** reunia todo mundo, alugava uma van, **aí** a gente ia pra lá (BDFN; 07JV; Masc.).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No *corpus*, de narrativas habituais e narrativas de experiência pessoal, coletado do Banco de Dados FALA-Natal, produzido por pré-adolescente e adolescentes do gênero masculino e feminino, encontramos os conectores E e **Aí** nas seguintes relações semântico-pragmáticas: sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência/conclusão. Nesta seção, será explicado o papel de cada relação semântico-pragmática, seguido de exemplo para deixar mais claro o tipo de função que o conector desempenha no trecho selecionado, bem como discutiremos os achados.

A sequenciação textual marca a ordem em que as unidades conectadas são apresentadas ao longo do tempo discursivo, ligando uma porção textual anterior à posterior.

(4) Teve uma vez que eu tava no Face, né? Normal. **Aí** uma... postaram uma foto de pornografia, assim, que eu denunciei a foto, aí aquela foto sumiu automaticamente da- do Face. (Narrativa de experiência pessoal, BDFN; 02JV; Fem.)

Ocorre sequenciação temporal quando os eventos apresentados no discurso seguem a ordem em que aconteceram; logo, existe a pressuposição de que o segundo elemento ocorreu posteriormente ao primeiro.

(5) Como o travesseiro era grande, a gente fazia tipo um forminho assim e ficava dentro. E era muito quente, você começava a suar. **E** a gente botava o cronômetro do celular da nossa mãe, pra vê quem conseguia ficar mais tempo lá. (Narrativa habitual, BDFN; 04JV; Masc.)

A consequência/conclusão estabelece consequência ou de conclusão em relação ao que foi dito previamente.

(6) A gente combinava cor de unha, antes de ir pra escola: “como você vai o cabelo?” (...) **Aí** ia todo mundo com o mesmo cabelo. (Narrativa habitual, BDFN; 05JV; Fem.)

Há casos em que os conectores sequenciadores E e **Aí** mostram estar relacionados a mais de uma relação semântico-pragmática, marcando uma sobreposição, mas, apesar da sobreposição, ainda é possível perceber qual a função que está mais latente, como é o caso do exemplo abaixo, em que o conector **Aí** apresenta, ao mesmo tempo, a relação de sequenciação temporal e a relação de consequência, com predominância daquela.

(7) A gente chegou da igreja e o vizinho da frente, a sobrinha do vizinho da frente tava aí, e a gente chamou eles pra vim pra cá. **Aí** aqui na lateral de casa, a gente armou três redes, e a gente disse que ia passar a noite ali, dormindo. Só que quando a gente armou a rede, que começou a se deitar pra dormir – a gente ficou conversando um pouco – aí começou a chover. **Aí** lá foi ter desarmar a rede, botar pra dentro. **Aí** a gente veio dormir aqui dentro. (Narrativa de experiência pessoal, BDFN; 04JV; Masc.)

Quanto aos resultados obtidos, viu-se que a soma dos dados extraídos das narrativas habituais e das narrativas de experiência pessoal nas entrevistas com pré-adolescentes e adolescentes natalenses é de 587. Destes, 461 dados correspondem às narrativas de experiência pessoal e 126 dados correspondem às narrativas habituais. Ainda filtrando os dados, contabilizamos 165 dos 587 dados nas entrevistas dos pré-adolescentes, sendo 133 nas narrativas de experiência pessoal e 32 dados nas narrativas habituais. Já nas entrevistas com adolescentes, a ocorrência é de 422 dados, distribuídos da seguinte forma: 328 dados encontrados nas narrativas de experiência pessoal e 94 encontrados nas narrativas habituais.

Percebe-se que os dados extraídos do *corpus* apresentam maior ocorrência nas narrativas de experiencial pessoal; esses números só reforçam a ideia exposta anteriormente, de que tende a haver um estímulo, por parte do entrevistador sociolinguísta, para que seu informante produza narrativas desse tipo, de modo a propiciar maior emergência de traços informais de fala. É, pois, comum que os entrevistadores direcionem os temas a serem abordados para o gênero supracitado a fim de recolher o maior número de trechos que trazem a fala vernacular.

Os dados referentes às narrativas habituais e às narrativas de experiência pessoal foram organizados nas tabelas a seguir, constando as ocorrências brutas e a sua frequência, levando em consideração todos os dados encontrados nas diferentes relações semântico-pragmáticas codificadas pelos conectores sequenciadores.

Tabela 1: Distribuição de E e Aí quanto à relação semântico-pragmática em narrativas de experiência pessoal dos pré-

Relações Semântico-Pragmáticas	Pré-adolescentes				Adolescentes			
	Aí		E		Aí		E	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	55/68	81	13/68	19	89/148	60	59/148	40
Sequenciação Temporal	32/36	89	4/36	11	72/130	55	58/130	45
Consequência/Conclusão	25/28	89	3/28	11	31/50	62	19/50	38
TOTAL	112/133	84	21/133	16	192/328	59	136/328	41

adolescentes e adolescentes.

Tabela 2: Distribuição de E e Aí quanto à relação semântico-pragmática em narrativas habituais dos pré-adolescentes e

Relações Semântico-Pragmáticas	Pré-adolescentes				Adolescentes			
	Aí		E		Aí		E	
	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%	Ap./Tot.	%
Sequenciação Textual	9/17	53	8/17	47	17/60	28	43/60	72
Sequenciação Temporal	5/10	50	5/10	50	9/25	36	16/25	64
Consequência/Conclusão	2/3	67	1/3	33	5/9	56	4/9	44
TOTAL	17/32	53	15/32	47	31/94	33	63/94	67

adolescentes.

Ao analisar os dados, nota-se que o AÍ foi o conector sequenciador mais utilizado nas produções orais dos pré-adolescentes e adolescentes em suas narrativas de experiência pessoal, mas, apesar disso, os dados revelam que essa predileção é ainda mais acentuada entre os pré-adolescentes. Estes, em 133 ocorrências de SRPI, empregaram 112 vezes o conector AÍ (84%) e 21 (16%) vezes o conector E; aqueles, de 328 ocorrências de SRPI, empregaram 192 (59%) vezes o conector AÍ e 136 (41%) vezes o conector E. Esse quadro confirma uma de nossas primeiras hipóteses, segundo a qual “o aparecimento do conector mais recente AÍ (...) deve aumentar à proporção que diminui a idade dos informantes” (TAVARES, 2008, p. 29).

Segundo Tavares (2008), um dos fatores que influencia o uso do conector AÍ é a faixa etária: ele tende a ser mais recorrente na fala de indivíduos jovens, adolescentes e pré-adolescentes, pois, nesses períodos da vida, “os indivíduos comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguir-se dos adultos e, por outro, aproximar-se de companheiros da mesma idade ou um pouco mais velhos.” (TAVARES, 2008, p. 28), logo, tendem a fazer maior uso de formas inovadoras e desprivilegiadas em sua comunidade de fala, como uma estratégia para criar uma identidade que os separe e os destaque em relação aos demais grupos.

As variantes de uma comunidade de fala estão sempre em concorrência, existindo, de um lado, as formas padrões e conservadoras e, do outro, as formas não-padrões e inovadoras. As formas padrões desfrutam do prestígio social ao mesmo tempo em que as formas não padrão são

estigmatizadas pelos membros da comunidade de fala (TARALLO, 1985). Esse tipo de estigma recai também sobre o conector AÍ por ser uma forma inovadora, já o conector E é tomado como mais formal (ou, ao menos, estilisticamente neutro) e, por isso, pode ocorrer em textos que haja mais monitoramento.

Essa concepção de maior e menor monitoramento relacionado ao uso formal e informal dos conectores sequenciadores em estudo corrobora as outras duas teses expostas na seção de Introdução. É sabido, como explicitado anteriormente, que a narrativa de experiência pessoal faz surgir mais intensamente a fala vernacular do informante, pois, quando conta acontecimentos fortes e emocionantes, o entrevistado se sente mais à vontade para narrar a história, despreocupando-se com a presença do gravador e do entrevistador; porém, esse mesmo envolvimento geralmente não ocorre na narrativa habitual, já que os fatos narrados através dela são corriqueiros. Por meio dessa constatação, é lógico dizer que o conector AÍ, forma inovadora e, não raro, estigmatizada, brota em contexto em que há menos monitoramento, caso da narrativa de experiência pessoal, e o conector E, que goza de maior prestígio social, surge em contextos e gêneros textuais que apresentam mais monitoramento.

Os dados referentes às narrativas analisadas atestam as hipóteses propostas: na narrativa habitual em entrevistas com pré-adolescentes natalenses, encontramos 53% de uso do conector AÍ e 47% de uso do conector E, e na narrativa de experiência pessoal, na mesma faixa etária, a percentagem é de 84% e 16%, respectivamente. É inegável que o padrão de uso desse grupo etário condiz com as hipóteses defendidas nesta pesquisa. Resta-nos averiguar se a outra faixa etária apresenta o mesmo comportamento.

Diferente dos pré-adolescentes, os adolescentes utilizaram mais o conector E (67%) que o conector AÍ (33%) nas narrativas habituais. Situação oposta ocorre nas narrativas de experiência pessoal, em que o conector AÍ é responsável por 59% dos dados e o conector E por 41% dos dados. Fica evidente, portanto, que a idade dos informantes é um fator que contribui para o uso dos conectores – quanto mais jovem, maior acentuado o uso do conector marcadamente mais informal AÍ (cf. TAVARES, 2008) – e que o gênero textual também condiciona o seu uso – quanto mais envolvente for a produção textual/oral, menos monitorada será a fala –, por isso houve diferença de frequência das formas nos gêneros estudados.

Em linhas gerais, são os adolescentes e pré-adolescentes que lideram as mudanças linguísticas (cf. TAGLIAMONTE, 2006). Para diferenciar-se dos adultos da comunidade de fala, eles optam por usar formas mais recentes nas suas interações sociais. Ao rotinizar o uso do conector

AÍ em contextos comunicativos particulares, essas faixas etárias contribuem para a inserção de mais um item gramatical na função de SRPI.

Para afunilar a investigação, devemos perceber em que etapa os conectores estudados estão em seus processos de gramaticalização. A gramaticalização resulta na especialização de uso, ou seja, uma forma gramatical passa a atuar, predominantemente ou mesmo unicamente, em contextos em que outras formas outrora partilhavam a função. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993)

Analisando as relações semântico-pragmáticas em narrativas habituais produzidas por pré-adolescentes natalenses, notamos que, na sequenciação textual e na sequenciação temporal, há frequência similar: 53% de AÍ e 47% de E na primeira relação e 50% de ambos os conectores na segunda relação. Isso mostra que, nesse contexto, não há grande distinção no emprego desses conectores, bem como não se pode considerar haver um caso de especialização por generalização ou de especialização por especificação. Na relação consequência/conclusão, o conector AÍ abarca 67% dos dados e o conector E, 33% deles. Nesta última relação, deduz-se que a distribuição do conector desprivilegiado, AÍ, aponta para o fenômeno da especialização por especificação, ao predominar sobre o E.

No que tange às relações semântico-pragmáticas em narrativas de experiência pessoal produzidas por pré-adolescentes da cidade do Natal, notou-se que todas as três parecem evidenciar a especialização por generalização do conector AÍ, pois encontramos ocorrência de 81% do conector AÍ e 19% do conector E na sequenciação textual, e, na sequenciação temporal e na consequência/conclusão, encontramos 89% de conector AÍ e 11% de conector E em ambas as relações. Não resta dúvida de que, nas narrativas de experiência pessoal produzidas por pré-adolescentes, todas as relações semântico-pragmáticas em foco manifestam intensa correlação função-forma, com alta especialização do conector AÍ na indicação de todas elas.

Os dados a respeito do gênero narrativa habitual em entrevistas com adolescentes trazem uma inversão no que se refere ao uso de conectores quando se contrastam os grupos etários. A sequenciação textual e a sequenciação temporal apontam para especialização por generalização do conector E, que engloba 72% e 64% dos dados, respectivamente, ao passo que o conector AÍ engloba 28% e 36% dos dados, respectivamente. Por fim, no que diz respeito à consequência/conclusão, encontramos certa neutralidade no uso dos conectores, pois ambos apresentam números similares de frequência: 56% de conector AÍ e 44% de conector E.

Há semelhante inclinação no que tange à distribuição do conector AÍ por relação semântico-pragmática em entrevistas com adolescentes natalenses quando se considera o gênero textual

narrativa de experiência pessoal. Na sequenciação textual e na consequência/conclusão, o conector AÍ abarca 60% e 62% dos dados, respectivamente; já o conector E abarca 40% e 38% dos dados, respectivamente, estabelecendo-se uma expressiva correlação função-forma. Por último, a sequenciação temporal mostra relativa neutralidade: o conector AÍ totaliza 55% das ocorrências e o conector E totaliza 45% delas.

CONCLUSÕES

Neste estudo, analisamos as variantes E e AÍ na indicação de SRPI. Para isso, levantamos um *corpus* de entrevistas sociolinguísticas com amostras da fala de pré-adolescentes e de adolescentes natalenses. Considerando dois gêneros textuais, narrativa habitual e narrativa de experiência pessoal, extraímos os trechos que continham ocorrências dos conectores sequenciadores estudados e os codificamos quanto às relações semântico-pragmáticas de sequenciação textual, sequenciação temporal e consequência/conclusão.

Os resultados referentes às narrativas de experiência pessoal em ambos os grupos etários apontam preferência pelo uso do conector AÍ, revelando a existência de uma intensa correlação função-forma: o AÍ é altamente frequente na indicação das três relações semântico-pragmáticas consideradas, o que aponta para a possibilidade de especialização por generalização. Entretanto, apesar de as duas faixas etárias utilizarem com frequência o conector em apreço, é nos pré-adolescentes que esse emprego é mais acentuado, confirmando-se, assim, uma das hipóteses levantadas em Tavares (2008).

No tangente às narrativas habituais, a utilização do conector AÍ foi menor, tanto entre adolescentes quanto entre pré-adolescentes, chegando o conector E a superá-lo em número na fala adolescente. Já a distribuição das formas por relação semântico-pragmática não revela contrastes tão intensos e pode ser tomada como indício de especialização do E para a sequenciação textual e para a sequenciação temporal entre os adolescentes, e do AÍ para a consequência/conclusão entre os pré-adolescentes, havendo maior equilíbrio na distribuição desses conectores nos demais contextos, o que pode apontar para a possibilidade de especialização por especificação.

BIBLIOGRAFIA

CARRANZA, I. E. Low-narrativity narratives and argumentation. *Narrative Inquiry*, v. 8, n. 2, p. 287-317. 1998.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE*, v. 15, p. 75-97, 2013.

HOPPER, P. *On some principles of grammaticization*. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. 2 vols. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

_____; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. Ordinary events. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.) *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 31-43.

MENDONÇA, S. Q.; TAVARES, M. A. Liderança feminina na difusão social: implicações para a gramaticalização de AÍ como conector. *Publica*, UFRN, 2008.

TAVARES, M. A. Correlações função-forma em dois períodos do século XX: indícios de especialização funcional. *Gragoatá*, n. 21, p. 43-58. 2006.

_____. Conectores coordenativos: Condicionamentos sociais em duas comunidades de fala brasileira. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 19-37, junho 2008.

_____. Variação estilística na entrevista sociolinguística: a questão do gênero textual. In: RAZKY, A. et al. (Orgs). *Anais do II Congresso Internacional de Sociolinguística e Dialectologia* (II CIDS). Belém, 2012.

_____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança. *Interdisciplinar*, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v. 17, jan/jun. 2013. P. 27-47.

_____. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; CHRISTIANE, M. N. de (Orgs). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 203-223.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.